

# **CONTRIBUIÇÃO DO PIBID E PIBIC PARA UMA FORMAÇÃO TEÓRICO/PRÁTICA DO DOCENTE**

Sâmia Maria Lima dos Santos<sup>1</sup>  
Bolsista do PIBIC  
Graduanda em Pedagogia  
Universidade Regional do Cariri - URCA

Francisca Emeline Tavares de Oliveira<sup>2</sup>  
Bolsista do PIBID  
Graduanda em Pedagogia  
Universidade Regional do Cariri - URCA

Manuel José Pina Fernandes  
Professor Orientador  
Universidade Regional do Cariri - URCA

## **RESUMO**

As considerações que este trabalho apresenta ao seu final são fruto de duas experiências que podem ser consideradas complementares na formação do futuro professor: a iniciação à pesquisa científica e a participação em programa de iniciação à docência de que participam duas alunas do curso de Pedagogia. Através do contato direto com a formação e com a prática que se espera obter ao final dos estudos revelamos as nossas descobertas nesse campo formativo ao qual, pelo percebido, falta muito dessa comunhão entre teoria e prática. Com base nas opiniões de teóricos tais que: Nóvoa, Mello, Durhan, dentre outros que discutem o tema na atualidade, tentamos vislumbrar ações que possam proporcionar uma melhor capacitação para os futuros docentes que se destinam a desenvolver as ações pedagógicas dos cidadãos do futuro.

Palavras-chave: formação docente, teoria e prática, capacitação.

## **Introdução**

O presente trabalho traz um relato de experiência vivenciado por duas alunas do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri-URCA, localizada no Sul do Estado do Ceará. Os motivos que nos levaram à realização deste trabalho foram, em um primeiro momento, a nossa participação como bolsistas, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. A contribuição para este trabalho, enquanto bolsista do PIBIC é o de relatar sucintamente e de forma analítica os resultados obtidos a partir do desenvolvimento de uma pesquisa, desenvolvida na Universidade Regional do Cariri-URCA, cujo objeto de estudo é a formação do professor no curso de Pedagogia. Para o desenvolvimento da mesma foi aplicado um questionário aos alunos que estão na reta final do curso. Esses resultados obtidos a partir

do questionário nos serviram de base para a nossa reflexão acerca da formação docente. Outra contribuição para este trabalho foi a experiência vivenciada enquanto bolsista do PIBID na qual pudemos perceber a necessidade do futuro professor ter contato com a sala de aula, já que este programa tem como objetivo aproximar os alunos dos cursos de licenciatura do seu futuro campo de atuação profissional, pois somente a partir deste contato que o mesmo perceberá os limites e as possibilidades da profissão docente. Dessa forma, no decorrer deste trabalho alertamos para a necessidade de expandir este contato do futuro professor com o seu campo de atuação que até então é proporcionado apenas a uma minoria de graduandos, deixando de lado a maioria dos discentes com um déficit em sua formação, já que o contato destes com a prática está limitado apenas aos estágios supervisionados.

Através de discussões acerca de um referencial teórico e das experiências que vivenciamos enquanto discentes do curso de Pedagogia, sentimo-nos instigadas a desenvolver um estudo analítico cujo objeto fosse o próprio curso de Pedagogia. Assim, através de uma metodologia que busca se adequar aos objetivos que desejamos alcançar, pudemos, ao final deste trabalho fornecer uma análise acerca da qualidade da formação docente do curso de Pedagogia da Urca.

O modelo pedagógico do curso de Pedagogia da Urca está organizado de forma que oferece a prática, os chamados Estágios Supervisionados, apenas na reta final do curso em que os alunos, com exceção daqueles pertencentes ao PIBID, terão contato, bastante limitado, com a realidade escolar. Nesse sentido, alguns autores se posicionam de forma contrária ao modelo de como o curso de Pedagogia está organizado. Dentre eles Libâneo (2010, p.15), que diz que o curso de formação de professor deve ocorrer separadamente do curso de Pedagogia que, para este autor, forma o pedagogo não diretamente docente. Segundo ele, “as faculdades de educação (ou faculdades de Pedagogia?) tenham o curso de Pedagogia (stricto sensu) e os cursos de licenciatura para a formação de professores da educação infantil ao ensino médio”.

Outro autor que se coloca a favor do pensamento exposto por Libâneo, é Di Giorgi (2011, p.55). Que vem afirmar que o curso de formação de professores desenvolvida no curso de Pedagogia, (...) revelou-se distanciado das questões referentes ao trabalho docente a ser desenvolvido nos espaços escolares, não contribuindo, dessa forma, para a reflexão sobre o papel do professor e a realidade da escola pública.

Nóvoa (2009, p.19) também vem reforçar a idéia de Di Giorgi, quando propõe que os cursos de Formação de Professores estejam vinculados a investigações da realidade do

trabalho docente, Segundo ele “é essencial reforçar dispositivos e práticas de formação de professores baseadas numa investigação que tenha como problemática a ação docente e o trabalho escolar”.

Considerando as visões dos diversos autores, percebemos que há um consenso entre os mesmos. É visível a forma como os mesmos se posicionam diante da temática discutida, a formação de professores dentro do curso de Pedagogia não está sendo satisfatória para a formação de professores qualificados. Percebe-se, também, um consenso entre eles, quanto ao distanciamento entre a práxis ocorrida no processo de formação.

A relevância do nosso trabalho está localizada na contribuição embora modesta que podemos oferecer para a discussão dos objetivos e dos métodos utilizados neste curso visando a formação de professores que desempenharão suas atividades na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Através dele pretendemos mostrar que a formação docente deverá ser construída, essencialmente, dentro da profissão, ou seja, é crucial que o processo de formação docente esteja o mais próximo possível do chão da escola, tendo assim um contato direto com a realidade escolar e com os problemas ali sentidos pelos professores. A nossa pesquisa e a nossa experiência, dentro dos programas de iniciação dos quais participamos ganham maior alento ao escutarmos Nóvoa (2009, p 37-38) que vem nos alertar para a:

(...) necessidade de devolver a formação de professores aos professores, porque o reforço de processos de formação baseadas na investigação só faz sentido se eles forem construídos dentro da profissão. Enquanto forem apenas injunções do exterior, serão bem pobres as mudanças que terão lugar no interior do campo profissional docente.

No entanto, sempre a partir das nossas experiências enquanto bolsistas e dos sentimentos de pertencimento a uma classe em formação, sentimo-nos bastante atormentadas ao percebermos a dicotomia existente entre teoria e prática, em que a extensão teórica do curso esconde uma grande pobreza das práticas. Toda essa situação se revela, essencialmente nas falas dos alunos do curso ao longo do questionário que nos serve de embasamento, como poderemos perceber mais adiante quando fizermos a análise dos dados coletados e na percepção que temos na diferença de comportamento entre os alunos que estão envolvidos com a iniciação à docência.

## **Metodologia**

Para atingirmos os objetivos que nos propusemos, desenvolvemos um trabalho que foi ao mesmo tempo descritivo e analítico. De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Para Vergara (2004, p.47) a pesquisa descritiva é aquela “que expõe características de determinada população ou determinado fenômeno (...) não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”.

Para realizar este estudo descrevemos os resultados obtidos num questionário previamente preparado e testado, com nove questões abertas e fechadas que foi aplicado aos alunos do sétimo, oitavo e nono semestre do curso de Pedagogia da Urca, após o que lhe fizemos a devida análise. Através desse instrumento buscamos captar a compreensão que esses alunos manifestam acerca da formação que estão recebendo na instituição. Outro procedimento metodológico é o relato da experiência direta com o fazer pedagógico vivenciado pela bolsista do PIBID que já se encontra em situação real de trabalho no campo profissional docente, para, através de um cotejamento entre a prática e teoria formativa percebermos as dificuldades e/ou facilidades encontradas principalmente nos primeiros momentos do desenvolvimento das atividades profissionais.

É preciso dizer que compreendemos perfeitamente que precisamos estar atentos a variadas nuances e situações e que, por esse motivo, escolhemos para fazer as nossas análises o apoio do método dialético. Sendo assim, a análise dos dados seguirá a orientação do materialismo histórico-dialético, por entendermos que “a dialética também insiste na relação dinâmica entre o sujeito e objeto no processo de conhecimento” (CHIZZOTI, 2000, p.80).

### **Resultados: pesquisa e observação**

Os dados coletados através dos instrumentos já acima anunciados, nos permitiram obter informações que responderam as nossas especulações envolvendo o curso de Pedagogia e, principalmente sobre a qualidade da formação que ele oferece aos formandos que o procuram. Foram aplicados 90 questionários, dos quais apenas 74 nos foram devolvidos. Estes números são bastante significativos, pois representam, sobremaneira, o grande interesse e, talvez a necessidade de os alunos exteriorizarem a sua percepção e angústia no que diz respeito ao curso. Em paralelo, registramos as impressões daqueles que, via um programa institucional de iniciação à docência, nos contam a relevância de suas experiências.

Façamos, então, a seguir uma observação atenta das respostas obtidas no questionário.

Quando, na primeira questão, pedimos aos formando para declinarem uma opção sobre a escolha do curso, surge a primeira surpresa que se confirma: a maioria – 55% dos que responderam, afirmaram que o curso de Pedagogia não era a sua principal opção; desses 55%, 39% dizem que apenas desejam ter um “curso superior”; 16% é categórico em dizer que foi uma segunda opção, tal como apontava uma das alternativas de resposta; da totalidade de respostas entretanto, 45% disseram que pretendiam se formar professores. Este é um dado inquietante, pois esses 55% estão ali fazendo algo que não gostam – e nós sabemos por demais que para ser educador é preciso gostar do que se faz. Acreditamos ser necessário atentar para todos os fatos que tal situação proporciona: desestímulo para os demais, ambiente pouco recomendado em sala de aula considerando a dispersão de atenção, as reclamações por notas baixas entre outros fatores.

Buscamos entender se essa escolha estava relacionada a uma prática educacional anterior. Comparando os números com a primeira resposta percebemos que há uma convergência de dados, pois 38% disseram que já tinham experiência na área da educação ao entrar no curso, número muito próximo dos 45% que afirmaram querer se formar professores na primeira resposta. É significativo o número de respostas que indicam a negativa (35%), e despertou-nos interesse a quantidade de 27% dos que dizem que começaram a ter experiência depois que adentraram ao curso. A nossa análise aponta para uma contradição que deveríamos tentar combater, dizemos “tentar”, pois sabemos da dificuldade que é conseguir; dificuldade, não impossibilidade. Podemos afirmar que o curso gera a possibilidade de emprego, mesmo durante a sua realização, o que pode ser considerado bom quando olhamos por um dos lados da realidade; mas, por outro lado pode ser considerado ruim, na medida em que esse formando vai entrar no campo de trabalho ainda sem a devida formação e, o que é pior até por essa mesma realidade, vai ser explorado do ponto de vista financeiro, sem se abordar um possível prejuízo para as crianças que estarão sob sua responsabilidade.

É possível que, aqui, alguém levante a mão e diga: “Mas é melhor que nada”! Ao que responderemos de imediato: “É também por isso que a nossa profissão está tão desvalorizada”. O capitalista, sim, o dono da escolinha particular, não vai pagar um salário pleno a um formado enquanto tiver mão de obra “grátis” ou à qual pode pagar o que julga ser suficiente. Os dois lados têm que ser observados. Não podemos pedir vagas para profissionais formados enquanto estas estiverem ocupadas por pessoas ainda não qualificadas, “mas que já são acadêmicas”.

Com a nossa terceira questão procuramos descobrir a percepção que os alunos têm da finalidade do curso de Pedagogia. Do total, 31% disseram que “ele forma cientistas da educação”; mas 54% disseram que era “formar professores para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental”; 8% disseram que “forma técnicos da educação”; e 7% deixaram de responder à questão. Temos aí um alerta moderado, pois, embora seja pequeno o número dos que deixaram de responder e as demais respostas não possam ser consideradas fora do âmbito educacional e de uma formação, essa falta de uma maior unidade da identificação dos fins do curso deve nos alertar para o tipo e quantidade de conhecimento que estes discentes estão adquirindo. Por outro lado, ao atentarmos para o que pensam os nossos bolsistas do PIBID percebemos mais claramente uma significativa mudança de opinião, pois o Pibid proporciona essa ressignificação da identidade do curso, por qualificar a nossa formação, por meio das experiências que vivenciamos na prática escolar, dando maior sentido à escolha de ser professor e nos fazendo acreditar que o ensino pode melhorar.

Partindo para uma tentativa de conceituação da formação que está sendo oferecida no curso de Pedagogia da URCA, questionamos sobre a possível relação existente entre os conteúdos estudados e a prática desenvolvida no campo profissional. Cabe uma breve explicação antes do detalhamento das respostas. Nós acreditamos que, mesmo com um bom número de formandos ainda não estando engajados no campo de trabalho, eles tenham uma compreensão suficientemente alargada para fazerem essa comparação, principalmente no decorrer do chamado Estágio Supervisionado. As alternativas de escolha que oferecemos eram: ótima, boa, regular ou ruim. Nessa exata ordem obtivemos as seguintes respostas: 1%, 45%; 46% e 8%. Considerando que não temos uma escala preestabelecida sobre os conceitos apontados, limitamos a nossa análise ao resultado que não se mostra muito animador, pois estamos diante de uma realidade em que 54% dos discentes afirmaram que a relação entre teoria e prática está de regular para ruim. Um sinal de alerta precisa ser acionado com certa urgência. Nesse contexto de indagações acerca da formação docente, o Pibid destaca-se como uma ponte conciliadora entre teoria e prática, por oferecer a oportunidade de contato mais direto dos bolsistas com a realidade da escola a partir das diferentes práticas pedagógicas desenvolvidas, entre as quais se destacam oficinas e projetos interdisciplinares ao longo do curso, fato que, sem essa experiência, só ocorreria no final do curso, durante os estágios supervisionados quando os calendários acadêmicos da educação básica e da educação superior coincidiam.

Este é mais um sinal de alerta a nos preocupar. Precisamos praticar uma formação mais efetiva, mais voltada à criação de possibilidades de sucesso para a educação. O tempo de

parar para pensar está no passado, temos que agir agora, pois o tempo de formação docente é hoje e o tempo das criancinhas foi ontem; se queremos uma educação de qualidade, pois compreendemos que esta só virá com a melhoria gradativa da formação docente, precisamos entrar no tempo de fazer, tal como nos diz Guiomar Namó de Mello (2011).

Com a quinta questão buscávamos descobrir a opinião do formando, ou aluno, sobre o sucesso dos objetivos declarados do curso, ou seja, a formação do professor. Pedimos para nos dizerem se “sim ou não” esses objetivos estão sendo atingidos e solicitamos que justificassem a resposta. Disseram que “sim”, que o curso está atingindo seus objetivos 27% dos que responderam. Disseram que “não”, que o curso não está atingindo os objetivos, 34%. Dos restantes, 38% apontaram “outra” e 1% não respondeu à questão. Foram 11 ou 15% os que não justificaram a resposta, mesmo tendo distribuído a sua resposta pelas variáveis apontadas. Dois alertas se acendem com esta questão: o primeiro, perigoso, que diz claramente da incapacidade formativa do curso; o segundo é mais um sinal que nos mostra o receio dos alunos de se comprometerem com algum tipo de afirmação/negação, talvez temendo alguma represália.

Segundo eles, a justificativa para as respostas dadas passam por afirmar que alguns professores do curso, “estão deixando a desejar” e que “independentemente de uma má prática docente”, pois “alguns deveriam ser substituídos”, considerando que alguns formandos “esperavam um curso parecido com o magistério que preparasse mais para a sala de aula”... “embora este não seja o curso que eu tanto desejei, mas ainda há tempo para realizar o meu desejo de fazer outro curso”. Estas são apenas algumas das mais significativas justificativas que recebemos, mas é exatamente aqui que mais um sinal começa a ficar alarmante. O destaque nos alerta de um modo mais vigoroso para algo que deveríamos ter plena consciência: no nosso curso, mesmo com discursos progressistas, ver mesmo revolucionários dos docentes encarregados da formação, não se faz outra coisa que reproduzir a vontade capitalista de oferecer a educação ao povo em conta-gotas.

Há necessidade de mudança diante desta realidade assim registrada: menos de um terço dos alunos que estão em vias de terminar um curso que se diz formar professor se sente “satisfeito” com o que está sendo oferecido. Não temos sequer o direito de duvidar, de pensar em se tratar de algum erro de análise, pois os números são por demais cruéis para que finjamos não os perceber ou que os ignoremos. Esses números, assim como as “falas” dos formandos apontam para as dificuldades, por parte dos docentes, em formar o cidadão ou cidadã que estará encarregado(a) de alfabetizar nossas crianças.

Algumas propostas são também apontadas pelos nossos formandos quando respondem à nossa sexta questão que, justamente, perguntava o que precisa mudar no curso de Pedagogia. A resposta foi sonora e explicativa da situação que vivenciamos: 3% disseram que o curso “precisa de mais tempo”; 8% apontam para uma “melhor qualificação do corpo docente”; 4% não responderam à questão, mas 85% exigem “uma melhor relação entre teoria e prática”.

Gritante, clamorosa realidade. É crucial que se efetue, efetivamente, uma formação de professores que articule, da melhor forma possível, a práxis. O Pibid, na opinião dos seus frequentadores, oferece essa formação já que, junto com o corpo docente das instituições em que este programa é executado, trabalhamos com casos concretos, principalmente em caso de insucesso escolar. No entanto e lamentavelmente, esta prática é restrita a uma pequena parcela do corpo acadêmico discente, explicando assim a forte tendência da maior parte dos alunos em propor uma melhor relação entre teoria e prática. Vale ressaltar ainda que, mesmo na condição de bolsista do PIBID encontramos muitas dificuldades quando nos deparamos com a realidade escolar, mesmo tendo todo um acompanhamento dos nossos professores que, se esforçam em debelar nossas dúvidas. Esta situação nos permite fazer uma suposição do que enfrentam nossos colegas que não têm essa oportunidade que nos temos. Isto torna a situação mais preocupante, levando em consideração que aqueles alunos que não participam deste programa além de não terem este acompanhamento, o contato deles com essa realidade só se dá nos estágios. Nesse sentido, por que não acreditar na revolta de Eunice Durhan (2008) quando em entrevista a revista *Veja* diz que as universidades e as faculdades (cursos) de Pedagogia precisam ser “repensadas do zero mesmo”?

Perguntamos na questão sete se os formandos têm conhecimento dos conteúdos que deverão trabalhar na escola. Disseram ter conhecimento 51%; pela negativa responderam 45% e os restantes 4% não responderam à pergunta. Há aqui alguma discrepância com o total de formandos que diz já ter experiência educativa que não chega a causar estranhamento na medida em que entre esses valores estão aqueles que dizem ter adquirido experiência no decorrer do curso.

Quisemos também saber qual era o grau de domínio desses conteúdos que deverão ser trabalhados no exercício da profissão docente. Apenas 3% classificaram como “ótimo” o seu domínio dos conteúdos; foram 38% os que disseram que tinham “bom” domínio; 16% disseram que era “suficiente”; mas 30% classificam apenas como “regular”; como insuficiente foram apontados 13%. Ninguém optou pela alternativa “mau”. Mais uma vez fica patente,

através da estatística, o mau preparo para o exercício da docência. Antes de enfrentarmos a realidade da última pergunta, cabe perceber, desde já, que existe uma coerência entre os dados coletados, pois é perceptível a moda estatística que gira em torno dos 55% daqueles que não estão atingindo um patamar que possa ser considerado aceitável de formação. Mas deixemos esses comentários para a análise final.

Na nona e última pergunta quisemos saber onde o formando espera obter a experiência necessária ao bom desenvolvimento da sua profissão. A resposta não poderia ser mais objetiva: 96% responderam “na sala de aula, no trabalho”, enquanto só 4% indicaram o Estágio Supervisionado. Algo está errado, no sentido de que deveríamos adquirir experiência ainda quando estivéssemos na universidade, em processo de formação, caso contrário não podemos afirmar que a ação formativa se completou, mesmo compreendendo que essa formação tem um caráter meramente inicial e que a formação continuada é necessária a todos os docentes. As respostas obtidas através dos questionários falam por si só, mostram claramente a dicotomia teoria/prática que não é uma prática salutar para a efetiva formação daqueles que o curso tanto deseja formar, o professor e o pesquisador.

Por outro lado, a se contrapor a estas nossas observações, considerando a participação no programa PIBID de Pedagogia compreendemos que ele nos proporciona uma relativa maturidade frente às ações pedagógicas que permeiam a sala de aula antes mesmo de ingressarmos efetivamente na carreira docente, após a conclusão do curso. Isto se dá a partir do contato com a realidade social da docência, enriquecendo e contribuindo para o reconhecimento, ainda durante a formação inicial, sobre a identidade profissional do professor e o reconhecimento prático do fazer pedagógico futuro. Nesse sentido, o PIBID pode ser reconhecido como um programa de suma importância para o amadurecimento profissional e pessoal do professor ainda em formação e, por isso, deveria ser oferecido a todos os licenciandos, pois é uma ferramenta capaz de estimular o crescimento do interesse pela profissão, assim como se mostra suficiente para o desenvolvimento da futura *práxis* docente, oferecendo novas alternativas para a atuação profissional em relação ao processo de ensino-aprendizagem.

## Considerações

Sem a pretensão de concluir, tendo em vista deixarmos as nossas considerações em aberto, esperando que outras opiniões possam surgir e contribuir para darmos continuidade à pesquisa que já vem sendo desenvolvida, observamos que os dados coletados

mostram claramente algumas tendências, ao mesmo tempo em que camuflam algumas outras que só poderão ser percebidas através de uma análise mais minuciosa, colocando lado a lado as informações fornecidas pelos respondentes e depois encaixadas no seu exato contexto.

A análise que realizamos para o atendimento à participação neste evento, nos permitiu abstrair algum conhecimento bem mais aprofundado sobre a realidade do nosso curso de Pedagogia. Dentre esses conhecimentos sobressai a necessidade de refletir sobre a função do curso de Pedagogia já que o mesmo, a partir da legislação vigente, idealiza formar professores para atuarem na educação básica, na área de Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Este é o contexto educacional e formativo em que os nossos respondentes estão enquadrados.

As reflexões que aqui realizamos, sobre a relação entre teoria e prática na formação docente, são claras e por esse motivo nos permitem compreender que essa relação ainda representa um enorme desafio a ser superado, levando em consideração que os cursos de formação têm se mostrado distantes das realidades específicas do contexto escolar, ficando assim reduzidos à discussão de questões teóricas sem tomar como base de referência aquela relação uníssona, desejada, da teoria/prática.

Dessa forma, deixamos registrada a nossa percepção, na qual é visível a necessidade de se repensar os cursos de Pedagogia, necessidades essas que vão justamente ao encontro, tanto dos anseios e conclusões de renomados teóricos que estudam a questão que nós levantamos neste trabalho, quanto dos próprios discentes do curso de Pedagogia da URCA a analisar as suas respostas ao questionário que nos fornece o embasamento necessário para elaborarmos estas análises.

## **Referências**

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DI GIORGE, Cristiano A. G. (et al). *Necessidades Formativas de Professores de Redes Municipais*. São Paulo: Editora UNESP 2010.

DURHAM, Eunice. *Fábrica de maus professores*. Entrevista concedida à Revista Veja. No site: <http://www.revistaveja.com.br>, 2008.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, Para Quê?* São Paulo: Cortez, 2010.

NÓVOA, Antônio. *Professores: Imagens do Futuro Presente*. Lisboa: Educa, 2009.

VERGARA, S. C. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. 5ª. Edição São Paulo: Atlas, 2004.

MELLO, Guiomar Namó de. Palestra de apresentação do livro Aula nota dez de Doug Lemov, no site:  
[http://www.fundacaolemann.org.br/videos/video/aula\\_nota\\_10\\_evento\\_de\\_lancamento\\_palestra\\_de\\_guiomar\\_namo\\_de\\_mello](http://www.fundacaolemann.org.br/videos/video/aula_nota_10_evento_de_lancamento_palestra_de_guiomar_namo_de_mello) acessado em 12/03/2013.